

JARID ARRAES

UM
BURACO
COM
MEU
NOME

ALFAGUARA


fábula

desistir é coragem difícil
somos programados
para tentar

deslizando aos barrancos
a pele das pernas
esfolada
os pulsos marcados
pelos rosários

é preferível morrer
sorratamente
em gorduras
açúcares
refluxos
pedras nos órgãos
no peito

mas desistir
essa é uma coragem
que todos
não temos

uma mulher pergunta

há tardes e pequenos espaços
de tempo
em que uma mulher pergunta

de que adianta

se as mãos dos homens
dirigem o metrô e os ônibus
os carros blindados
as motos que serpenteiam
entre corredores breves

se as mãos

dos homens

assinam os papéis e carimbam
autorizam o prontuário
a entrada e a saída do corpo
o reconhecimento dos órgãos
doados

se as mãos dos homens

orquestram as violências

balas esporros olhares

e tocam seus instrumentos

fálicos curtos enrugados

colocados para o lado

se os homens e suas
mãos
discam os números
estabelecem os valores
fazem listas de nomes
de outros homens
e se as mãos dos
homens
alcançam todas as coisas
que quebram ou selam
acordos
e apertam botões
que começam guerras
internas
por muitas e muitas
gerações

há um dia em que a mulher
pergunta a si mesma
pergunta para outra
mulher
e as perguntas pairam
flutuam
sobre a cabeça
as perguntas incomodam
e vazam como excremento
de aves de árvores de céu

nesse dia a mulher procura
a resposta
por que de que adianta
se há mãos que fazem dançar
as cordas

e os pequenos membros
do corpo vivem em sacolejo
o ventre morre em liminares
gestações que formam mãos
de homens

e a partir do ventre
as mãos nutridas pela mulher
saem na direção do mundo
de tudo que é externo
de tudo que é global
antropológico
fágico
e social

e a mulher nesse dia pergunta
para outra mulher
para o espelho

de que isso tudo
adianta



alegoria

ainda

quando o céu era mistério maior
e a mente humana sondava as estrelas
buscava-se significado
algo que aquietasse a agonia
de existir de se estar vivo e só
e nu

e alguns criaram teorias papiros
livros cadernos diários manifestos
reformas seitas
para dizer que o significado estava
aqui estava ali estava em deus
na deusa nas árvores e pedras
na água limpa e depois no rio tietê
na restauração nos pincéis
nas canetas máquinas datilográficas
nos vinis sobretudo

o significado está no sorriso das
crianças
que riem sem pudor e falam
o que lhes manda
o animalesco ainda indomado

ou está na abnegação das mulheres
no pulso firme do macho
da espécie
mas jamais estará no dinheiro

o significado virou conteúdo de copos
painéis em bold
notas de rodapé em leituras que só
deus compreenderia

ainda

quando o céu era mistério maior
quando os cristãos queimaram livros
muitas vezes

quando corpos foram amontoados
depois fogo depois água

ainda quando os cães eram lobos
antes dos focinhos curtos

antes das focinheiras

a busca por significado para a nudez

ela já compelia os passos

os cotovelos tapando a cara

as sombras da caverna

os ritos circulares

o significado foi encontrado

bêbado

depois em clínicas hospícios
entre muros recuperativos
choques fivelas leitos

a busca pelo significado real virou
uma orgia de úlceras se beijando
a volúpia da verdade
a tirania dos palcos
altares batismos fiéis em ônibus
anunciando o fim
as trombetas
a mulher com cabeça de besta

ah o significado
ele vai chupar sua sanidade
comer suas gengivas sangrentas
virar um sinal cabeludo
na pele

mas desde que o céu era misterioso
e as estrelas eram deuses
o significado assombra as crianças
me assombra
porque também sou história
legado de eras
meus seios são tábuas da lei
não cobiçarás o significado

do próximo

minha juventude foi gasta
em rejeitá-lo
e agora tenho a pele lodosa
o céu as estrelas
tudo
perdeu o norte

o significado
foi diluído em mim

quando descobrirem
serei queimada

vocação

um corpo que carrega
um útero
é submetido ao decreto
da incondicionalidade
é submetido ao destino
de um útero

os grandes sacerdotes
e os pequenos
as figuras de autoridade
como as telas
como os corredores brancos
todos ensinam
o percurso do útero

que haja vida
porque um útero crescido
— às vezes nem tanto
deve fazer brotar vida
pernas braços olhos
espírito

um corpo que carrega
um útero

precisa de um espírito
que o preencha
o espírito forçado entre as pernas
enfiado enfiado enfiado
obrigatório

um útero é um sarcófago
de uma mulher
é a máquina
inquebrantável
de uma mulher

uma mulher é um útero
que carrega algo
há dias em que gente
há dias em que chumbo

mangue-vermelho

para débora maria da silva

e mães de maio

a vala comum

para o corpo

marrom

é adubada pelas

histórias

é ninada pelas

vozes

é nutrida

pelas avós

por aquelas que

dormiram

o sono da injustiça

as avós do corpo

comum

jogado deitado

emprestando

o marrom ao solo

as avós

ninam memórias

e cantam

filho
netinho
ouça o riso
do passado
distante
existiram contos
sem barcos
sem marés
nervosas
de sangue

filho
nos ouça o riso
existiram cantos
e contos

deita teu rosto
na vala
imaginando ser
nossos ombros

goro

não é de merecimento que falo
quando a repulsa salta da minha saliva
e meus braços abanam tentando
atenção
tentando um instante de escuta
diante da mesa de juízes e seus papéis
cortados à mão
não

jamais falaria de merecimento
ao ver o homem dormindo na esquina
o garoto descalço ao meio-dia
a criança dentro de mim gritando
esgoelada
não é sobre merecimento
todos os defeitos do mundo
os tapetes que escondem a terra

não
sobre merecimento eu falaria
caso fosse noite e depois dia
e eu visse que tudo era bom
mas merecer é sentença
e o peso das letras enverga a coluna

andamos prostrados
muitas vezes
de joelhos

não
nunca será sobre recompensas
castigos resultados consequências
punições respostas reações
sobre dignidade sobre plantar
e colher

as sementes estão podres
e a barriga do solo não verte vida
não importa a paciência
ou quantas vezes se rega
a água está podre
não

e você ainda diz que há quem mereça
que o sacrifício o esforço o trabalho
árido as tentativas a insistência
a não desistência a repetição o mantra
e que esses joelhos aí dobrados
eles ajudam eles têm significado
mas nada é de auxílio
estamos todos sós

não

eu nunca plantei flores ou espinhos
nunca mexi na areia com as mãos
porque não é de merecimento que falo
e eu saberia dizer
que eu não mereceria

porque é premiado quem tem o rosto
com as sobrancelhas no lugar
os dentes corroídos pelas bajulações
as manchas solares e de marte
masculinas
não

jamais direi qualquer coisa
que me faça merecer
porque tudo não passa de correnteza
e logo é parado na barragem



Dora

nunca esqueço de Dora
de sua paralisia
sua cegueira
sua oposição transformada
em patologia

como os homens
amam os códigos
que catalogam a loucura
feminina

e distribuem sintomas
por cima dos
hematomas
e taças de sangria

em suas camas
forradas com mentiras
e blocos de papel
onde escrevem cárceres
onde descrevem leitos
onde Dora e eu e todas
nós
devemos deitar

em espera

nunca esqueço do caso

de Dora

da coragem sufocada

por mãos livros

por páginas

escritas por homens

como ele

com números que são

camisolas

à força

e que mais cedo ou

mais tarde

acabamos por vestir

porque em seus blocos

camas poltronas

em seus estetoscópios

eles escutam

a rebeldia

porque Dora e eu e todas

nós

nos fazemos

ouvir

cinto de couro

a silhueta paterna assombra

os sonhos

na penumbra das metáforas

nas figuras de linguagem

na literalidade das surras

das pernas bêbadas

nas mães chorosas

roxas

a figura do pai marca a filha

que marca o filho que marca

a filha e depois a menina

numa cadeia de gritos

ameaças quartos como

masmorras

impedimentos

iniciados na figura do pênis

do cajado que o pai

sacudiu

ordenando

ah minha pequena menina

seus olhos estafados me dizem tanto

a rejeição do pai

o zelo do pai
o controle do pai
o medo o pavor a admiração
a necessidade de aprovação
o esforço contínuo de menina
pobre menina minha

eu me tornei também a continuação
da figura paterna
das oscilações
ora o coração cheio
ora o diminuto corpo rangendo
uma escalada de desconhecimento
seria amor seria ódio
a filha minha pequena garota
que teme todo o desejo ardente
de matá-lo
o pai

eu sei
minha menina
enxergo esse nó
mas não posso desatá-lo
sou também o fruto do pai
da mãe ao chão
da mãe que vestiu calças
foi porta afora

ser figurativa

que pena que não pudemos

escapar

mas tenho boas-novas

não agora mas um dia

o prenúncio os ecos

dos gritos graves

tudo isso virará escolha

em minhas garras

desenharei a linha divisória

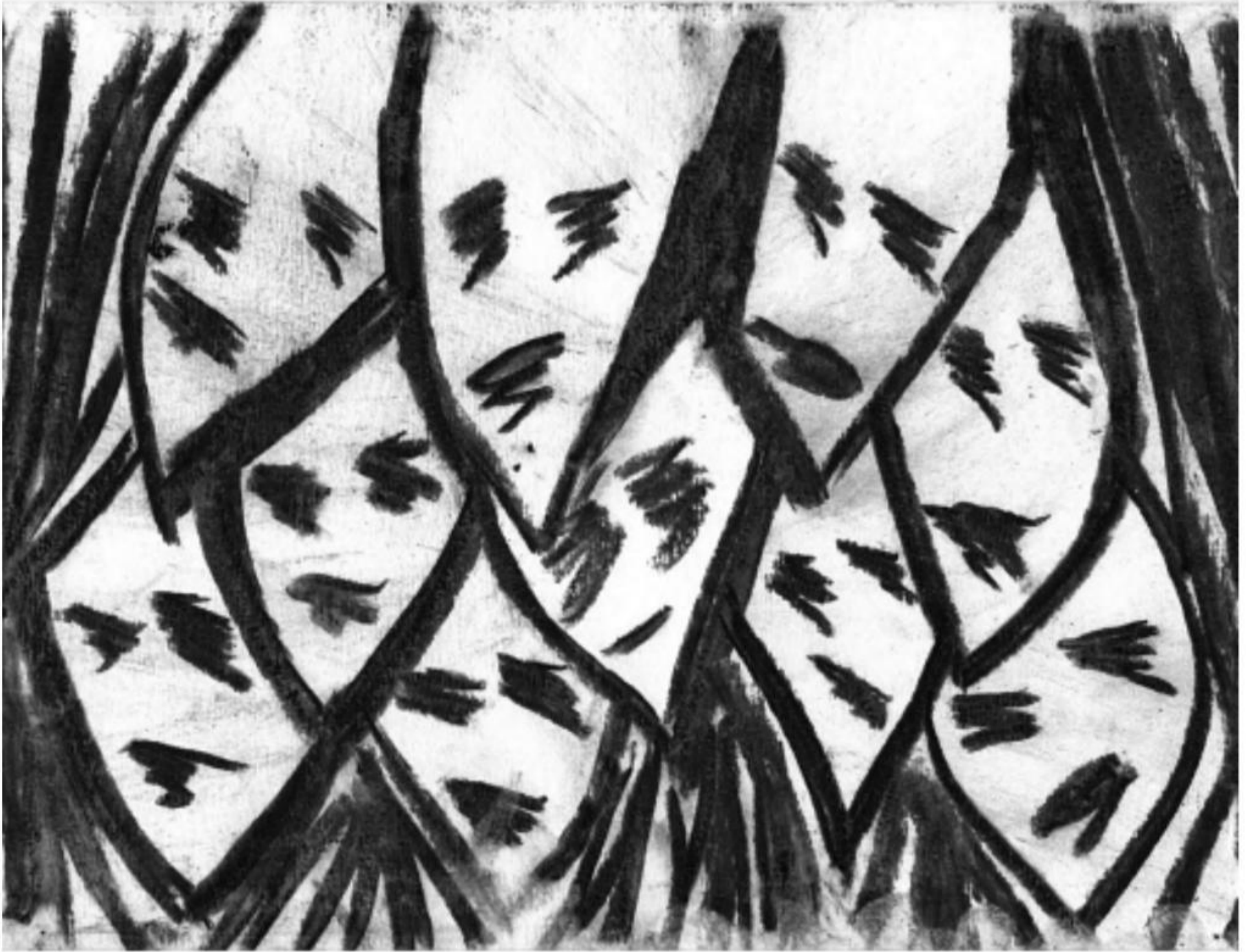
nesse chão

daqui

daqui ele não passa

fluido

traga-me o brinde
da sua dor para
que em taças
eu possa recolher
deglutir
seus licores amargos
que secam a língua
seu sangue
em cristal
traga-me o que
resta
o que já não
querem
e eu me tornarei
bêbada
de piedade



4

conversas

cotidianas

são

assombradas

pelas trombetas

dos anjos

e os cavaleiros

se apressam

manando

pragas

são nossas

doenças

gripes inflamações

células podres

infecções

são as enfermidades

psiquiátricas

propositalmente

inseminadas

pelas espadas dos

anjos e os cascos

em ferro

das montarias

bestiais

e cada vez que o céu

se abre

já não esperamos sol

chuva tempestade

aguardamos a ira

de deus

o mundo gemendo

em fogo

ardendo nossas feridas

mas

o mundo está acabando

desde o início

o fim nasceu das águas

ele vem

manso

previsto

esperamos o prodígio

de tantas cabeças

e mar de sangue no entanto

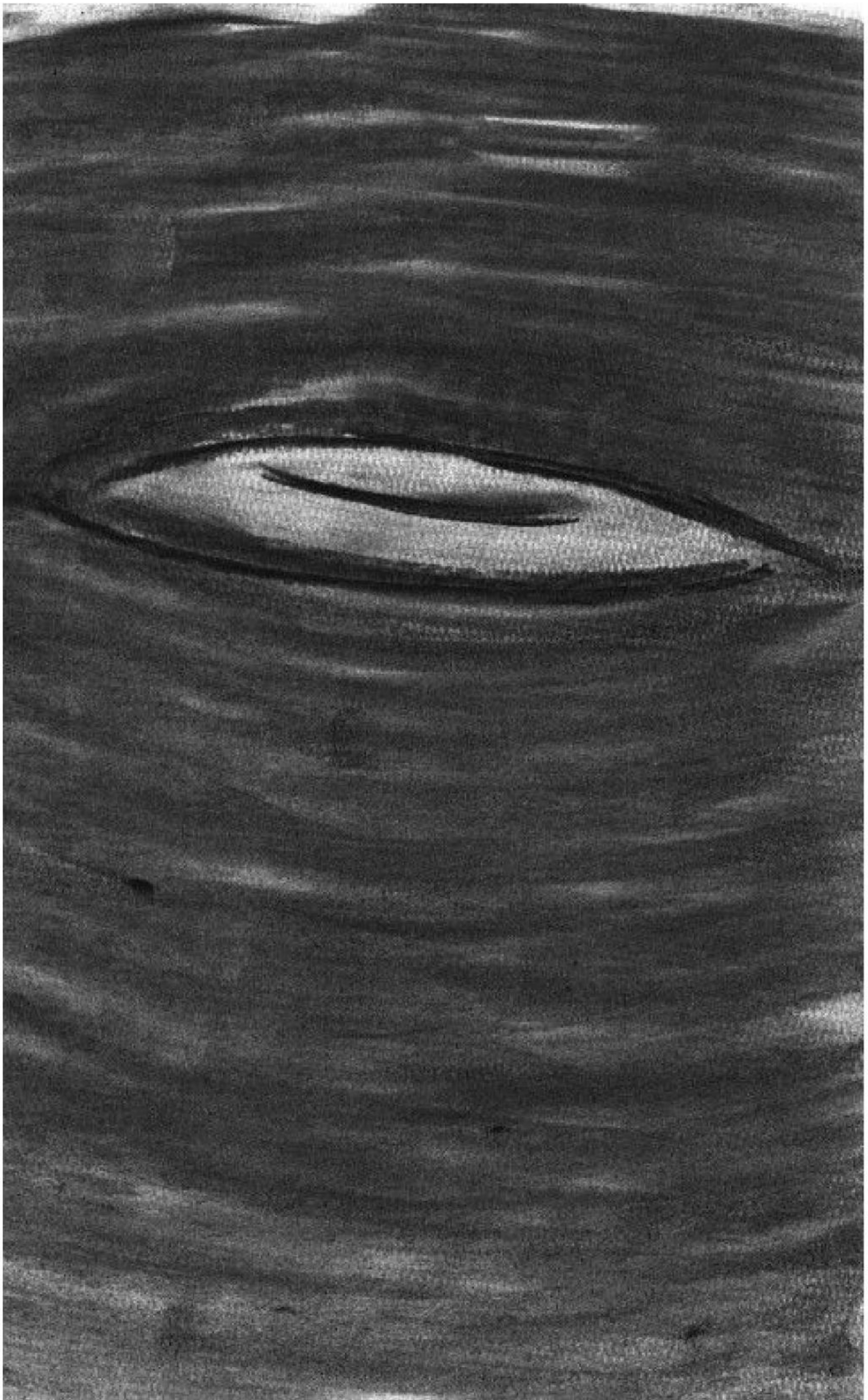
o mundo acabará

em finitude maravilhada

teremos que esquecer

as fábulas
acostumarmo-nos
ao tangível

para a maioria de nós
não há condenação
mais grave
do que a consciência
dissipada
para outros
saem os cavaleiros
e descansam
os cavalos



meio do céu

conclamamos os astrólogos
as tarólogas ofertamos nossas
patas à leitura e sobramos na
borra do café porque somos
os únicos bichos preocupados
com o futuro

no entanto

saturno

pode ser apenas pedra

e júpiter pedra

e urano e mercúrio e marte

também a mais pura e

gravitacional rocha

os oceanos sofrem a influência

da lua porém nossos corpos

comportam marés bravias

e o universo não tem assunto

com isso

somos menos que o grão moído

nada nutrimos e causamos

apenas vícios

somos menos que uma concha quebrada

porque o papel da concha
não é adivinhar o porvir
mas se pisada e partida e se nenhuma
metáfora de vida puder ser encontrada
a concha existe e nada espera
porque isso se basta

mas nós aguardamos
balançamos as pernas
queremos compreender
escritos
sobre a casa 2 e vênus
em peixes
queremos o carisma dos melhores
signos e a capacidade de vingança
dos animais peçonhentos

temos a identidade
fragmentada
por mitos
por estrelas que morrem paralelas

buscamos as cartas
as runas búzios moedas as linhas
das palmas os exames caseiros de gravidez
as revistas do João Bido
queremos o futuro entregue

mas não qualquer presságio
somos ingratos com o acaso
brincamos com a envergadura da nossa força
inutilizada pela ânsia
pelos corações apressados batendo tambores
lendo papéis pelas ruas
esperando pelo amor que seja devolvido
contando os dias a partir da palavra
da mais teatral
feiticeira
do mais serpentino pastor

cortamos nossas raízes e estamos perdidos
acreditamos no contrário
traçamos conjunções e plutônicos
dizemos que somos os mesmos que
todos os outros milhões
de antepassados

mas veja bem
talvez sejamos
talvez não estejamos
tão escandalosamente
errados
estamos mesmo
com o futuro

todos muito
preocupados



caldeirão

a inveja do pênis nada mais é

que filhos

absorventes noturnos

panelas de pressão

as mulheres cozinham os miolos

as moelas

cozinham as bolas dos bois

os chifres dos búfalos

e marinam as tetas

as mulheres invejam o pênis

invejam as siglas

as barbas molhadas de sopa

as armas de fogo

as brancas

as químicas

as mulheres catam grãos

nos dedos

e enfiam os dedos

trocam os dedos

pelas mãos

a inveja do pênis nada mais é

não há

nem pênis

nem barbas

nem calças

nem cintos

que aguentem os graus

tudo se cozinha

pela fumaça

das nossas

ventas

as mulheres

cozinham

e marinam

as tetas

guarda-corpo

não se debruce sobre o parapeito

olhe para o abismo

rapidamente

troque olhares flertivos

olhe para o chão

timidamente

não se incline sobre o parapeito

não coloque o peso do corpo

para a frente

mantenha os pés firmes

mantenha as mãos espalmadas

numa distância segura

olhe assim

rapidamente

olhe apenas

o suficiente

para imaginar a queda

e afastar-se

intrigada

água de coco

nunca fui a um funeral
o primeiro corpo morto que vi
era preto
usava bermuda vermelha
aberto como estrela
no asfalto

isso foi em copacabana
as pessoas com seus cachorros

era um corpo morto
e nada mais
queria dizer

aprendi
naquele dia
a morte é relativa
aos olhos
prada
de quem vê